

# RONDON: Silêncio Orgânico de Flores...

**SAYONARA** oásis tropical do Centro Oeste Brasileiro, primitivo HABITAT dos ÍNDIOS COXIPONÊS, ponto de partida da gloriosa civilização cuiabana, e a Secretaria de Educação e Cultura, da Prefeitura Municipal de Rondonópolis, ao momento histórico da comemoração

**nacional** do I Centenário de Nascimento do grande Guerreiro da Paz, Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, o indigenista emérito, sentem-se, através de suas Direções, honradas com a permissão do moderno poeta da Terra, o

**nosso** Silva Freire, de tantas outras produções de vulto, e que mais uma vez soube compor, na ideação de sua poderosa estética objetiva, a magestade olímpica do filho lendário dos Campos de Mimoso, na tessitura do seu maravilhoso poema, intitulado,

**RONDON: SILÊNCIO ORGÂNICO DE FLORES** , ,  
cuja crítica literária merece, nesta nossa publicação, os louvores da sensibilidade intelectual de Gervásio Leite e João Antonio Néto, lídimos representantes da Academia Matogrossense de

Letras.

SAYONARA  
ONARA  
NARA  
ARA  
RA

RONDONÓPOLIS  
POLIS  
DON POLIS  
DONO  
DO  
NO

RONDÓ  
RONDO  
RON  
RONDON

*Poema de Silva Freire*

# O POETA NO MUNDO DA PALAVRA

A GRANDE conquista do poeta destes tempos é o descobrimento de que as palavras têm dimensões até então impressentidas. A poesia é, assim, uma espécie de visão nova da palavra, de valorização do vocábulo, e, o poeta desperta na palavra vulgar, cotidiana, virtualidades e méritos que, até então, eram desconhecidas.

A palavra é, dessarte, matéria plástica, maleável, manobrável. O poeta é mais do que o rimador de palavras tornando-se escultor de palavras.

O manancial inesgotável agora descoberto dá à poesia moderna a alegria das coisas inaugurais. Cada poeta descobre, amolda, esculpe a palavra em seus sentidos atuais mas não herméticos, em sua vivência com os fatos, as coisas e os atos da vida comum. A linguagem tanto pode descer a algarávia dos brincos infantis como alçar-se a páramos só alcançados pelos eleitos. Em uma ou em outra posição o poeta descobre a palavra e a poesia de hoje é, assim, em síntese, a descoberta da palavra. Este poema de Silva Freire é, sem dúvida, a aventura do poeta no mundo da palavra. Aventura em que o poeta se afunda no mundo das palavras de mãos dadas com Rondon, unindo, assim, dois bandeirantes, aquele alargando o horizonte da Pátria e dando novas dimensões ao mundo, este afun-

dando no mundo poli dimensional das palavras para alargar-lhes o sentido, dando-lhes novas dimensões. Mas, onde há aventura e pioneirismo há beleza e esta é comum na obra ciclópica do bandeirante do século XX, o grande *pagmejera* Rondon e no poema que o poeta canta os seus feitos, as suas lutas, o seu idealismo, a sua pugnacidade, o seu heroísmo.

A poética de Silva Freire não é atividade lúdica; é experiência séria, pesquisa original, reinterpretação da palavra ou a sua adequação ao mundo em que vivemos.

É um postulado filosófico de que não podemos provar sinão a nós mesmos e a nossa experiência. E só o que é filosoficamente provado é que existe, É um dado da filosofia russeliana aplicável ao mundo ilimitado da poesia. Só a experiência poética explica a Poesia e o Poeta. Só a aventura no campo emocional da beleza é que justifica a poesia, esse campo insondável e incomensurável, onde o poeta se agita naturalmente.

A experiência poética de Silva Freire neste poema surpreendente pela beleza e pela originalidade, vale aplausos e registros, louvores e palmas.

*Abril do Primeiro Centenário de Rondon*

Gervásio Leite

Na foto acima, *Sayonara*, habitat primitivo dos Índios Coxiponés

memória bronzada de meu pai,  
randolpho rodrigues freire,  
que me ensinou rondon  
dôce lembrança caseira da mamãe,  
joanna euphosina da silva freire,  
a quem tudo devo  
o pouco que sou  
memória do mano e xará,  
que não pode compreender a vida  
a nedy e cacilda  
irmãs  
e amigas  
prof. joão cândido salles  
francisco corrêa pacheco,  
cunhados  
e companheiros  
ra leila,  
poesia-azul do meu noivado  
ra glória márcia, a que pinta poemas,  
e maria cristina, poeminha infantil da  
minha família  
s companheiros e amigos vivos  
do grande guerreiro da paz,  
oferece o autor

canção praeira  
do  
carajá

" Ua co tican rran ran  
ré..... uo.... rú  
ra beré  
ra.....ram

Redibere bonam

Quiá rre rará quâ ram"

Ó difícil poema **H**  
 para **HO**  
 post **HOM**  
 proto-**HOMEM**  
 Poema **R**  
 em **RO**  
 de **RON**  
 até **RONDON**

**HOMEM-RONDON**... geografia selvática de aromas  
 dançando  
 ao compasso  
 de gritos  
 zumbidos  
 gemidos  
 cocares  
 cantares  
 ruidos  
 estampidos  
**palmas!**

**DO HOMEM-RONDON**

envelhecidas raízes  
 soletrando caminhos  
 desfigurando picadas  
 equilíbrio e pinguela  
 ouvindo tambores  
 no lombo de burro  
 levando topadas  
 espremido no atalho  
 grimpando, apontando, grimpando  
 suando rumos... resmungos

**guia!**

**PELEJA DO HOMEM-RONDON:**

debaixo, é chuvada  
 ao longe, clareira  
 bem perto, é deserto  
 de lado, água de corredeira  
 de tarde, fumaça nos picos  
 um grito

**ATENÇÃO, RONDON!:**

**encontro de cabeceira!**

no trilheiro  
 - quase estrada, ou sucursal de estrada  
 um assovio  
 é aviso de aviso...  
 e quando o silvio  
 silva  
 na selva  
 em sibilos  
 ou cicios  
 é suspiro  
 de milênio  
 galopando silêncio  
 com cilada na chinha...  
 é suplício, Rondon  
 no **Rio dos Martírios**

**RONDON-SINFONIA:**

é florestal demais o nativo si-be-mol ligeiro  
 aqui  
 assim  
 talvez  
 no-cé

**DO MENINO-RONDON:**

pois é lá, nossa **música-pantanal-Mimoso!**  
 saiu de polainas  
 pulando morrotos  
 com pé-de-moleque  
 sem bola e bexiga  
 rodou em burrica  
 foi barra-bandeira  
 virou peperéca  
 pegou carrapato  
 nem viu tamanduá  
 socou ben-te-ví  
 e lavou-se com água-acorí-palmeira

**RONDON INCLINADO:**

esqueceu cururú  
siriri esqueceu  
talabarte em vertical  
enxugou matemática  
gramática, é natural...

rijo nervo, mente rija  
rijo pulso, rijo, rijo,  
estudou nem sei quê, e saiu por aí  
vestido de brim-folhagem, riscado de  
unha-de-gato

**RONDON NA ROSA DOS VENTOS:**

assustação de onça pintada  
lambido de catapora  
bebido de sanguessuga  
comido de percevejo  
pisado de sombra fria  
suado de romper mato  
e beijado de vagalumes

**RONDON E DESCANSO:**

apenas capacete de relva úmida  
num breve cochilo de curruira  
com olho acêso de lebre na lua cheia...  
nem é carícia de cobra verde, num **traveseiro**  
de "durme-durme!"

**RONDON EM SI MESMO:**

- estudo mediterrâneo de fauna e flora e  
o mineral pontudo
- chilreo de pássaro emplumado, classificado
- curvinha tímida de rio-criança, na carta,  
marca
- resistência imbatida do índio feliz, amigo,  
comigo
- juízo de peixe-mel, priscando d'água-dôce,  
para bolir na lua **uaaa...**  
**uaaa...**
- vertigem de cachoeira madura se desman-  
chando em noivado de paz

**RONDON E QUEIXA:**

conselho  
picada  
marcos  
buracos  
divisa...  
e respeito de paz à vida

**RONDON E BOA VIZINHANÇA:**

xingú  
tapajós  
tocantins  
coluene  
teles pires  
ronuro  
**- ROOSEVELT**

**MEMÓRIA DE RONDON:**

- orgulho silábico de tribu que não quis a-  
prender a morte
- bacoruru de tintas de tantas côres filtradas  
na carne de côr de melado, fazendo glú-glú

**ALEGRIA DE RONDON:**

é sorriso encardido de festa tribal  
bambolinando entre dentes roídos  
um assôpro de fibra-tucum...  
- essa jovialidade de canôa sem remo, pen-  
teando um piólho, moqueando um jacú

**RONDON E CREDO:** **catedral de tempo verde num silêncio orgânico  
de flôres!**

**RONDON E GLÓRIA:**

Campos de Mimoso  
caxeiro no Bêco Quente  
Praia Vermelha  
ínvia selva  
Rua 13, de Odorico  
companhia de Maciel...

**RONDON NA BÓCA DO POVO:**

homem  
moendo-se  
homem tutano  
tudo modéstia só

**RONDON E COMPANHEIROS:**

igarapé do zeferino  
ribeirão domingos  
rio souza ezevedo  
ribeirão santana  
**rio são benedito**  
ribeirão narciso  
manoel gomes  
manoel castro  
silvio frança

**RONDON E LINGÜAGEM:**

surgiu da selva, da terra, da alma da obra  
do homem o **rondonino** topônimo

**RONDON E PÁTRIA:**

rondon é pátria  
herança atávica da raça

**RONDON E FAMÍLIA:**

humano demais para não ficar sozinho, **nunca**

**RONDON NA MADRUGADA:**

conta-gôta d'orvalho boreal  
na ába larga do chapéu grande,  
quase pingando no cigarro de palha...

**RONDON E CASERNA:**

muito enorme o sonho, que não coube nos  
quartéis...

**RONDON E HINÁRIO:**

alma infante-juvenil, **vestido a velhice de pureza-esperança-infantil**

**RONDON E A LANCHETA ROSA BORÓRO:**

evocação sentimental do efeito  
movida à força motor-  
a-  
quática

**RONDON E TELÉGRAFO:**

ternura de Samuel Morse  
saltitando no dedo do homem de cóbrea cor  
- na linha do poste  
- no pico do morro  
- piano de uma tecla só  
transmitindo no cântico "Aruanã"  
a bravura praeira do carajá

**RONDON E DÔR:**

sem queixa  
sem nada  
é si-lên-cio...  
- uma enorme cegueira passeia o respeito da noite-  
sem-fim na **vigília olímpica** do guarda lendário do  
meu sertão

**RONDON É LEMBRANÇA:**

do meu sêr  
do seu valôr  
do meu mêdo  
do teu calor  
do vosso livro  
**do nosso mor... nahahá**  
**amerí**  
**mugá**

**O VELHO SERTANISTA:**

musgo monobloco  
feito à enxada  
pá  
picareta  
e apá

**O NOME DÊLE:**

CÂNDIDO MARIANO DA SILVA  
borôro  
xavante  
bacairí  
nhambiquára  
parecís  
**baquitê**  
**borduna**  
**arco**  
zagáia  
tacape  
tanga

Rondonia  
Rondonópolis  
**RONDON**

Difícil também é o poema com "P" maiúsculo! Seja o poema concreto ou o lavrado nas formas convencionais. Porque, uma coisa é certa: o poema tem que assumir as contingências do Sêr; tem que ter fôlego, cadeias de nervos, cordames de músculos, vagas de sangue, gritos, alelúias, desvanecimentos, desintegração de luz!.. Fora disso, o que há é o eclipse consumado da aura vivente; é a morte - essa ausência de figura na fixação das retinas ávidas.

Ora, o abôrto e mais uma frustração do que o massacre do devir, degola da esperança, interrupção do cântico brévio, de afirmação, dentro da vida.

Tem que haver a mensagem, sim, senhores! Não o recado repetido, o anúncio iterado. E a mensagem não é também o "novo", o "novíssimo" - mas é o trocar que faz estremecer os alicerces ou a carícia, quase mediúnicamente, que põem madrugadas no crepúsculo das almas ... e das coisas!

O artista não é o criador, não é o construtor, não engendra nem arquiteta só. Ele suscita. Fere, e a água jorra! Bate, e a porta se abre! Porque o material poético subjaz em tudo. Tudo é na poesia. Como estranho máagma, ela só se petrifica e se define, com autenticidade quando amadurece como os frutos silvestres - sem inseticidas e enxêrtos.

Ai está Silva Freire. Fala, e as coisas resplandecem. Com seus dedos aciculares preme a epiderme do tema e só isto basta para que os átomos do espírito difuso e disperso convirjam para o ágape eucarístico da comunhão com o deslumbramento. Poesia-plenilúnio!

A imortalidade é a extrema simplicidade. Uma inglória folha de parreira tornou perceptível o casal bíblico. A solidão é divina. A pluralidade fragmentou o mundo, por que lhe deu atavios, acces-

sórios, penduricalhos. Os grandes homens não tem mais de um nome. Só há Válmik, Homero, Dante, Camões. Cândido Mariano da Silva - é Rondon. Mas, - ó milagre - essa mesma imortalidade, que se traduz pelo desprêso de todos os adminículos, das pátinas, incrustações e fuligens - é tão pródiga e complexa, que se torna sensível e reconhecível em tudo a que levou o banho matutino do seu orvalho, os fluidos da sua atmosfera universal. Por isso é que Silva Freire gravou êste fêcho definitivo:

"Borôro  
xavante  
bacaíri  
nhambiquara  
parecis  
baquitê  
borduna  
arco  
zagaia  
tacape  
tanga".

Ai está todo o Rondon. O poema flui, numa unidade desabalada - diga-se assim - e vem, como uma ponta de dardo, fina, vulnerante, atingir o Alvo! Ai o homem Rondon chegou ao ponto de aclamação tranquila com as coisas até: É o índio, É a mesma tanga do índio; a personalidade do Gigante incorporou-se aos instrumentos, ao vestuário - quer dizer, limitou-se, para universalizar-se. E é precisamente, o que Silva Freire transmite. O seu Rondon tem forma e cor dentro da festa concreta dos elementos e acidentes a que sua vida deu participação dentro da existência. Seu Rondon existe, não como um homem funcionando dentro dos fatos - mas como uma função desses mesmos fatos. Há uma impregnação de afetos em tudo; sente-se que sem ELE a significação das eventualidades não teria sentido.

O poeta é monstruosamente talentoso! Primeiro, Silva Freire nos confunde e nos dispersa. Depois, refluímos e nos agarramos, irremissivelmente, às cordas que flutuam no mar largo da sua inspiração. E não é uma inspiração gotejante, esvoaçante, elísea - é um turbilhão magnético, indetível, atrozador! As imagens esperneam, trepidam:

"gritos  
zumbidos  
gemidos  
cocares  
cantares  
ruidos  
estampidos  
palmas"

Vejam as aliterações e écos! E mesmo quando os símbolos ganham tonalidades de vôo manso - o ritmo transborda, pelo encadeamento e valorização precisa dos vocábulos :

"vertigem de cachoeira madura se desmanchando em noivado de paz".

Ora, ai está uma coisa maravilhosa! Numa síntese exata, em que a imagem é expressa pelas palavras, em que se quer representação, achou nos vocábulos a moldura única para o valor da representação. A primeira parte do verso é uma verdadeira ascensão que

se torna plena na palavra "madura" para, a seguir, numa verdadeira deiscência, abrir o cofre polínico e derramar a sementeira .. É a organicidade vacabular posta à prova com a vivacidade pressante do mágico. E, ó êsse saber identificar o nó vital da palavra!... Tem-no Silva Freire. Olhem: "silêncio orgânico de flores". Não está aí mera diversão da paciência lúdica do poeta; não! Há em tudo penetração, motivação, a que se "suscitar" a que nos referimos - uma ritualística do mistério da matéria com a forma.

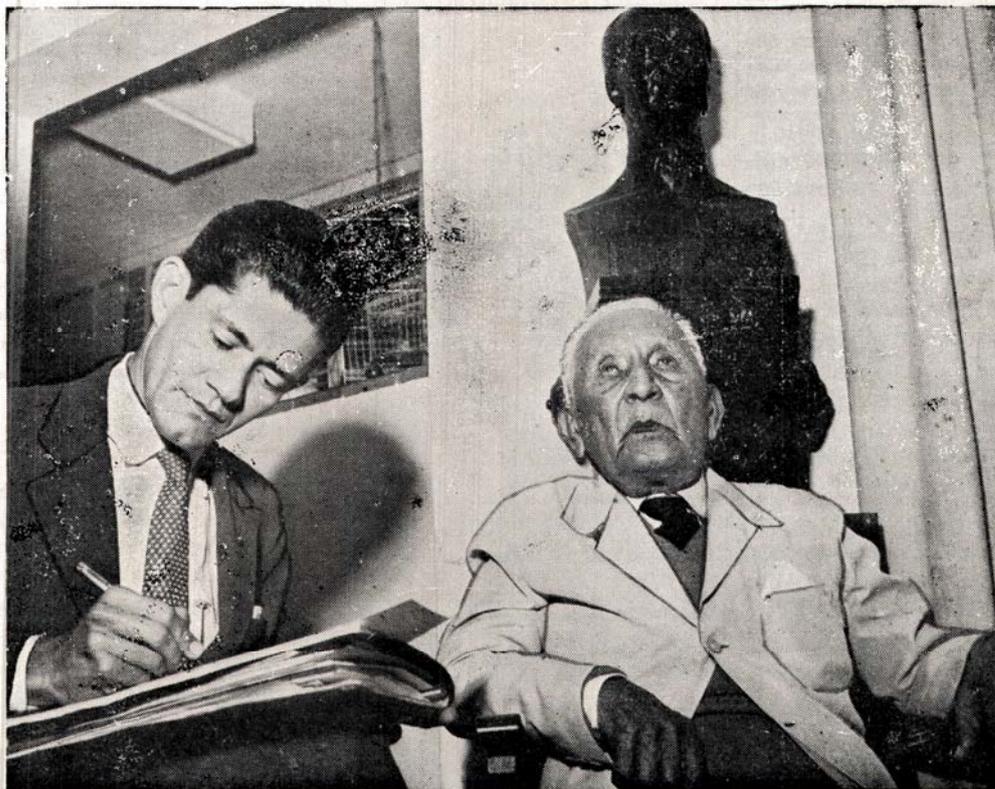
E por aí a dentro do poema, a mesma constatação. E, propositadamente, falamos "a dentro". Esta poesia, de fato, não pode ser versada por fora, em tórno; temos que nos condicionar a ela, deixar que a mesma nos penetre, como um flúor pungente.

Daí não podermos, em linhas tão breves, dizer tudo desse laboratório de riqueza poética que é Silva Freire. Poeta dos maiores, singularíssimo, cravejador de almas nas coisas e nos sêres.

Daí, também, a consideração de que não poderia Rondon, que é hóspede definitivo da imortalidade, achar melhor cantor. O poema merece figurar como alta contribuição a mais um título para a heráldica de Rondon - aquele que, segundo Jaguaribe de Matos "tem na sola dos pés o mais longo caminho jamais percorrido".

O RONDON DE

SILVA FREIRE



**O poeta, o Adugoxoréu... e a última lição**

**PRÓXIMOS LANÇAMENTOS DO AUTOR:**

- PAISAGEM ALÉM DO HOMEM - poemas
- REVENDO OS CAMINHOS DA INFÂNCIA - reportagem poética de Cuiabá
- JÁPA E OUTROS CONTOS REGIONAIS - prosa
- ENSAIO AO POEMA AGRO-PECUÁRIO
- CANÇÃO PROIBIDA - poemas

Composto e Impresso na Escola Industrial de Cuiabá, sob a orientação técnica do Prof. Sérgio Dronjek.